

Artistas contra Profili: profilaxia

NELSON COELHO

Quando terminaram os trabalhos de premiação referentes à última Bienal de São Paulo, o júri, em sua maioria integrado pelos grandes nomes que hoje criticam ou historicizam arte em todo o mundo, resolveu comunicar à diretoria daquele certame que eles se recusariam a participar da próxima Bienal se permanecesse a presença atuante de negociantes de arte interferindo pesadamente sobre o julgamento das obras. Por motivos óbvios, esse fato não ganhou publicidade. E não se tem notícia, por outro lado, de providências preventivas visando coibir a repetição do mesmo erro. Há, portanto, a possibilidade de a importante mostra coletiva brasileira não mais contar com o apoio dos nomes de prestígio da arte internacional.

Todos sabemos que os grandes *marchands* não trabalham sôzinhos. É uma contingência do *big business* adotar o sistema de trustee para melhor exercer o controle dos mercados. Daí a força de cada um deles. Força que, freqüentemente, ultrapassa os limites do simples negócio para atuar de maneira marcante no destino das tendências estéticas. Antigamente, o máximo que um *marchand* conseguia era influir no trabalho criador do artista com quem tinha contrato: em vez de você fazer isso, faça aquilo, que é mais fácil de vender. Mas hoje, toda uma escola, como o *tachismo*, por exemplo, virou moda e, por isso, um alto negócio, porque poderosos donos de galerias assim o quiseram. É lamentável que os artistas e sua arte cada vez mais se vejam transfor-

CADERNO

B

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sábado, 15 de outubro de 1960

mados em produtos industriais, sujeitos, apenas, aos processos comerciais de avaliação. Deve mesmo ser melancólico, para um pintor, saber que seus quadros foram julgados em uma bienal por homens que enxergam cifrões pintados nas telas.

Bem: a situação, em linhas gerais, é essa. Quase desesperadora. Quase, porque há uma solução: iniciar-se um movimento que objetive fortalecer a AICA. A tal ponto, que esse organismo internacional dos críticos de arte possa ter a autonomia necessária e indispensável para decidir das premiações nas grandes mostras que forem chamados. Isso parece lógico e normal. Chega mesmo a parecer ridículo estarmos aqui a falar de coisas óbvias. Mas é que, infelizmente, nem todo mundo vê arte pelo mesmo prisma. E isso nos leva ao caso que sugeriu esse assunto.

Um dos grandes trustees controladores do mercado artístico mundial, tem, no Brasil, uma filial dirigida pelo Sr. Arturo Profili, proprietário, da Galeria Sistina, em São Paulo. Gomes Siqueira, em Washington, dirigindo o Departamento de Artes Visuais da União Pan-Americana, e Robles, na Espanha, são os outros dois *homens fortes* de seu grupo. O Sr. Profili, até bem pouco tempo, era o Secretário-Geral das Bienais de São Paulo. Mas, tendo sido responsabilizado, pelos artistas, dos desvios de obras de arte entregues àquela instituição, acusação que se positivou com o conhecido protesto da gravadora Fayga Ostrower, de quem uma gravura enviada ao Museu de Arte Moderna paulista, para uma exposição que se realizaria em Israel, acabou sendo vendida na Galeria Sistina, então a direção do MAM, de São Paulo, aceitou a demissão solicitada pelo Sr. Profili, o que veio sublinhar a veracidade das acusações dos artistas.

Alguns meses se passaram e o assunto parecia morto. Mas, na semana passada, o Sr. Profili resolveu fazer sua *recentré* de gala, expondo, em sua galeria, as últimas telas de Manabu Mabe. E, embora ele tenha declarado a um *vespertino* local, que os artistas são assim mesmo, temperamentais, queren-

do sugerir que tudo não passava de tempestade em copo de água ou movimento pelo movimento, apesar disso, um grupo de artistas de prestígio, entre eles alguns premiados nas Bienais, postou-se à porta da Galeria Sistina, empunhando cartazes e distribuindo volantes com os dizeres: "Roubou o Museu através dos artistas. Foi protegido", "Roubou os artistas através do Museu. Não será protegido". O negócio do Sr. Profili não foi prejudicado com essa manifestação, pois, somente naquele dia, vendeu um milhão de cruzeiros em quadros do Mabe. Mas o movimento teve sua segunda vitória artística (a primeira foi o afastamento do Sr. Profili de um cargo oficial na Bienal), porque não entrou na galeria nenhum artista ou crítico.

É preciso deixar bem claro, que não estamos contra a existência dos *marchands*. Isso não teria sentido, pois eles têm uma função no complexo território das artes. O que não achamos coerente, é o fato de simples comerciantes de quadros assumirem funções para as quais não estão capacitados, como, por exemplo, a de julgar o valor estético de um trabalho. Os *marchands* têm sua utilidade, e o Brasil só se tornará um grande centro de arte, quando for, também, um grande centro consumidor de arte. Já temos artistas de repercussão internacional; começamos a ter bons museus e escolas colaborando para a educação dos nossos olhos; existem capitalistas com verbas destinadas ao embelezamento de suas residências; faltam, agora, negociantes que saibam interessar esses capitalistas na compra de peças de artistas brasileiros. Estes também estão apontando e tenho a certeza de que, em pouco tempo, o Brasil (notadamente São Paulo e Rio) será um dos maiores centros de arte do mundo. Mas, para que isso aconteça, é importante que o setor-venda de arte comece bem, para não nascer já desacreditado. É urgente uma *profilaxia*, para prevenir futuras contaminações. É para lutar por essa *profilaxia* que o movimento pede a adesão, em massa, dos artistas, críticos e intelectuais brasileiros.